

glossário

Plano Nacional das Artes

A linguagem não é neutra, é um campo de combate e o lugar das revoluções: a nomenclatura é uma forma política, promove valores e recita o mundo. As palavras são criadoras ou destruidoras – e um manifesto tem de passar pelos conceitos que escolhemos, recusamos e inventamos para moldar uma nova ordem. Afinal, no princípio era o logos.

Agente cultural É necessário dizer e que cada um tome consciência de que somos TODOS agentes culturais – como sabemos, hoje, que somos agentes ambientais. Cada cidadão deve assumir essa agência pelo ambiente cultural. A ecologia cultural é responsabilidade de CADA UM. Cada cidadão deixa (ou não, por omissão) uma pegada cultural. No seu lugar específico, no seu km². Não é preciso ser artista, programador ou curador, membro de instituições culturais, nem sequer adulto, para se ser agente de cultura. Somos já, ainda que, muitas vezes, de forma inconsciente. É preciso torná-lo consciente. Então, teremos muitos mais cidadãos ativistas culturais, a lutar pela cultura no seu Km², como lutam os jovens, hoje, pelo clima: por ser vital! Conscientes de que a sua vida depende disso. Ativistas pelo ambiente cultural: a cultura pertence-lhes, é parte da sua vida, íntima – como uma segunda natureza. Para isso, não basta tratar a cultura como matéria de conhecimento, mas paixão. Nada de grande se faz sem paixão, escreveu Hegel. Como estamos a passar essa paixão?

Aldeia Toda a aldeia. Ao desejármos a primeira estratégia do Plano Nacional das Artes, em 2019, ficou claro que, para aproximarmos mais manifestações culturais, patrimoniais e artísticas das comunidades educativas, não nos podíamos dirigir apenas às escolas, mas teríamos de propor e implementar medidas com os diferentes sectores sociais, com «toda a aldeia». Este princípio sistémico, conduziu-nos a fazer propostas a todos os setores: autarquias, ensino superior, instituições culturais, fundações, setor público e setor privado... Precisamos de toda a aldeia para educar culturalmente uma criança. A escola necessita de apoio de todas as instituições para cumprir a sua missão.

Apropriação Se a cultura for experimentada como matéria vital, parte pulsante da vida de cada um, não como matéria de erudição e conhecimento cinzento a transmitir, os cidadãos lutarão por ela. Precisamos de aprender a transmitir assim a cultura; algo que é nosso, que queremos fazer nosso, em apropriação. Ela é *extimidade*: exterioridade íntima – deslocando o conceito de Lacan. Algo que é exterior e interior, a um tempo.

Nesse sentido, as manifestações artísticas são um laboratório existencial onde não se olha apenas para qualquer coisa que nos é estranha, mas que nos é própria.

Atenção A cultura é a formação da atenção –e, através dela, daquilo que compõe o nosso mundo. As obras de arte permitem-no de forma exemplar e, por isso, precisamos tanto delas: apontam e focam a nossa capacidade de ver, escutar, pensar, compreender, atender a algo que antes não tínhamos apreendido – e que, tantas vezes, estava à frente dos nossos olhos. Pensamos, habitualmente, na atenção como *contemplativa*, *no dar atenção a* alguém ou alguma coisa, mas ela é também *reflexiva*, porque ao dar atenção a algo exterior é também em mim que se reflete, é sobre mim que aprendo, é também a mim que dou atenção. Mas há ainda um outro nível determinante da atenção, o que está na palavra «atencioso»: é o nível do cuidado, do não ficarmos parados, do colocarmo-nos em movimento para a necessária alteração do mundo que a atenção exige. Depois dos dois primeiros níveis, a atenção ao mundo e a si mesmo, o que fazemos para mudar o que necessita de mudança e a que demos atenção? É a atenção consequente, *ativista*, na sua dimensão política e transformadora da comunidade.

Cidadania As artes, os patrimónios, as culturas, podem ser uma mediação determinante para a compreensão das questões de cidadania do nosso tempo (e de todos os tempos) – e um apoio para trabalhar os temas da componente curricular de Cidadania e Desenvolvimento, de forma transdisciplinar. Da experiência pessoal mais íntima (que é também a mais comum) à construção da comunidade (e à organização da Pólis); do conhecimento do mundo em que vivemos à capacidade de indignação e projeção de outros modos de vida possíveis. Essas são também as questões que os artistas, ao longo da História, enfrentaram e às quais deram resposta, ou trouxeram mais perguntas, nas suas obras. E continuam, hoje, a inquietar-nos e a lembrar-nos a urgência de não as esquecermos.

Cultura É necessário pensá-la como verbo, um gerúndio, mais do que um predicado. A cultura, as obras de arte e os patrimónios não são apenas objetos/coisas

a conhecer, ou a «ter»: a cultura é acontecimento, a experiência que fazemos dela e as suas consequências vitais. A cultura é ação. Um a-fazer. A criação de um sentido-comum entre gerações. Tradição e inovação, em jogo permanente. Patrimónios ressignificados, parte da vida, não um luxo de consumo. E se lidássemos com a cultura como matéria viva e incandescente? É assim que deve ser tratada: não como o morto que temos de velar, mas corpo pulsante de sangue e respiração. Objeto de desejo e excitante fecundidade. Em vez de reverência e afastamento, ela pede-nos amorosa proximidade. Um corpo a corpo. Entrega mútua. Disponibilidade. Não apenas um conhecimento descomprometido, mas preocupação apaixonada. Em vez de pensar a cultura como erudição ou conhecimento, compreendê-la como parte da existência.

Democracia Cultural Mais do que «democratização da cultura», que transporta ainda uma hierarquização paternalista – com boas intenções, mas irrefletidas –, com uns especialistas que definem o que tem valor cultural e deve ser divulgado e conhecido, e aqueles (muitos) que consomem o que foi definido por outros. Tantas vezes, este modelo funcionou (e continua a funcionar) como meio de opressão e violência simbólica de um determinado grupo social sobre outros. A noção de «democracia cultural» institui um modelo diferente: em vez do ponto de partida ser a desigualdade a ultrapassar, ela parte da igualdade a confirmar. Afasta-se da menorização do outro, valorizando o que ele vive, o que sabe, o que é, a sua especificidade cultural, as suas tradições, a sua voz. Para que cada um possa participar na cultura de todos, temos de capacitar e dar condições para que tal aconteça – assim, é fundamental que se valorizem as especificidades culturais, pessoais, territoriais, e que todos tenham acesso a múltiplas e diversificadas experiências e manifestações culturais, e possam descobrir a forma própria da sua participação ativa. Em vez de «levar cultura» ao território, é preciso dizer que em todo o território já existe cultura: é fundamental valorizar a cultura que aí existe para, depois, poder identificar as expressões culturais que aí faltam e que é necessário colmatar. Ou seja,

cumprir a Constituição – que garante não só o acesso à fruição cultural, mas à produção cultural. Para que cada um possa ser um agente cultural, um operador estético, como gostava de escrever Ernesto de Sousa. Esta subversão política/cultural do lugar do poder (e a democracia exige a partilha do poder, também na área cultural) é a de uma capacitação democrática, de valorização e responsabilização de cada um pela cultura de todos. (A ler: *Carta do Porto Santo*)

Desejo Uma pedagogia do desejo, em vez da imposição obrigatória. Queremos que seja esse o caminho de implementação das medidas do PNA: que sejam desejadas pelos diferentes agentes no território. É preciso, então, pelo exemplo e pela palavra, motivar, seduzir, ativar o desejo. A curiosidade é o motor.

Deslocamentos Desenvolvemos uma estratégia de desvios e subversão: queremos tornar consciente que AS INSTITUIÇÕES CULTURAIS SÃO UM POLO EDUCATIVO e AS ESCOLAS / INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR SÃO POLOS CULTURAIS. Precisamos de edificar e habitar os espaços de fronteira entre arte e educação.

Escola do Espanto e da Alegria Como escreveu Oswald de Andrade, «a alegria é a prova dos nove». Se precisássemos de indicar apenas um argumento para termos mais artes e patrimónios nas vidas dos cidadãos e nas comunidades educativas, poderia ser este: pelo puro prazer. As artes e as manifestações culturais podem ter muitas consequências e mais-valias, mas temos de assumir que valem por si. Pela experiência de as fazermos ou fruirmos. Precisamos da beleza, do espanto, da inquietação que nos trazem. Da vida que trazem à vida. Da dilatação que permitem ao horizonte de possibilidades de cada um.

Estilo Mais do que um conteúdo ou uma doutrina, é a reivindicação de um modo próprio das instituições existirem e de se relacionarem com os outros. O estilo é a marca distintiva de uma forma própria de habitar o mundo, conscientes de que forma e conteúdo vêm juntos, são inseparáveis. Não há conteúdo sem forma, nem forma sem conteúdo. Habitualmente, tende-se a desvalorizar a forma, o modo de apresentação, mas com os artistas aprendemos: a forma é já conteúdo.

Tal como o meio é já a mensagem. Por isso, procuramos não esquecer a sua unidade e promover a excelência nessa inseparabilidade. No Plano há um estilo, não apenas uma doutrina. Traços estilísticos: a hospitalidade; o fazer-com; o estar em saída; a confiança nos outros e na inteligência coletiva da comunidade; a responsabilização de cada um pela cultura de todos; a pedagogia do compromisso; a partilha do poder; o alimentar, sempre, o desejo: não encher o copo, mas acender a chama; o aprender a desaprender; o ter bem consciente o que nos faz mover: o porquê. Por um lado, fazemos o elogio da fragilidade, assumimos a fraqueza e não uma pretensa fortaleza de capacidades e certezas absolutas – e, por isso, para nós, escutar (antes de mais) e o trabalho colaborativo e em parceria são essenciais. Por outro, somos muito ambiciosos: este desafio nacional de aproximar os cidadãos da diversidade de manifestações culturais, tornando-os responsáveis pelo ambiente cultural em que vivem, é maior do que nós – e por isso merece ser feito com ambição.

Estrutural Em vez de propor eventos, desenvolver estruturas: nas escolas, no ensino superior, nas autarquias, nas instituições culturais... que essas estruturas possam preparar os eventos necessários e adequados a cada território. Destemodo, estamos a criar as bases que permitirão a futura extinção do PNA: se as estruturas estão sólidas e a trabalhar em rede, tonamo-nos obsoletos.

Extituições As instituições culturais não são neutras. Pela sua missão, por intervirem no espaço público, no modo como se relacionam com as comunidades, nas decisões que tomam, como e o que programam, na forma como trabalham a produção, a mediação e o acesso... Estas *escolhas* são políticas e nunca neutras, ainda que possam ser irrefletidas. Como podem as organizações culturais servir a vida e serem relevantes? Como resistem a se transformarem em instrumentos de opressão de uma classe ou grupo sobre outros? Como não cristalizam noções de identidade e de história, reproduzem preconceitos e exclusão? Como podem tratar as pessoas, na sua pluralidade e diversidade, como colaboradores e não meros consumidores? Como ajudam a emancipar os cidadãos e a que

participem mais ativamente na vida coletiva? Como promovem a saúde da democracia? Como se assumem como espaços e tempos educativos? É necessário que estas organizações trabalhem para promover uma autêntica democracia cultural: baseada no pluralismo, na participação, na partilha do poder, no reconhecimento da multiplicidade de vozes e na valorização das diferentes culturas. Deixar de *fazer para* e passar a *fazer com*. Como propõe a *Carta do Porto Santo*, é urgente transformar as *ins-tituições* culturais em *ex-tituições*: instituições em saída de si, para melhor servirem a comunidade. Em abertura. Colocando as pessoas no centro da sua ação: descentrando-se.

Fazer-com Mudança de paradigma necessária para o envolvimento e a participação de cada cidadão na vida cultural e educativa da comunidade. Em vez de «fazer-para» (os cidadãos, os alunos, os outros), passar a «fazer-com» (E não deve ser assim também uma aula? A procura, a investigação, a descoberta comum entre professor e alunos de uma verdade viva em acontecimento: e não, simplesmente, a passagem, a transmissão de algo já morto e inalterável). Em vez de lidarmos com os outros como consumidores, olharmos para eles como colaboradores. Em vez de «fazer para», «trabalhar com». Uma mudança de paradigma, na educação e na cultura.

Inclusão Processo deliberado para melhorar as condições e a qualidade de participação das pessoas na sociedade, ultrapassando as barreiras ainda existentes. Mas, quem inclui quem? E aquele que deve integrar-se perde a sua identidade e as formas culturais que o caracterizam? A diversidade e a diferença são valorizadas ou espezamos que se encaixem nas estruturas já existentes? Para que as instituições culturais e as comunidades educativas sejam mais inclusivas, precisam de re-conhecer as dificuldades no acesso e promover mudanças na organização para que ela tenha mais impacto na comunidade diversa que deve servir. Também nesse sentido da importância da diversidade e da inclusão, a escola deve usar e dar acesso às múltiplas linguagens que possuímos como humanos, e não apenas

à linguagem lógico-verbal. Desse modo, cada um sentirá que é aceite e que pertence àquela comunidade, porque há outras linguagens em que usa para intervir no mundo. Todos temos possibilidades expressivas e compreensivas, que não estamos a desenvolver, como músculos por utilizar. A inclusão implica compreender e aproveitar a diversidade (cultural e das múltiplas linguagens artísticas) como um bem.

Indestinar Alargar o horizonte de possibilidades, dilatar a vida. Esta é a missão da escola e das instituições culturais: dilatar o mundo, o horizonte de possibilidades, e contrariar os condicionalismos e as limitações do horizonte inicial de cada um dos cidadãos. Por razões familiares, económicas, sociais, geográficas, de estigmas ou preconceitos, há destinos, aparentemente, já traçados e tantos caminhos desconhecidos que ficam impossibilitados. O papel das artes e dos patrimónios em educação é, também, o de indestinar: abrir possibilidades de si que antes não se conheciam. Um necessário ultrapassar o que se julgava certo, disponível, e que foi incutido por pré-conceitos que moldam vidas presentes e futuras. Isso implica uma atitude profética: olhar para um aluno, para uma pessoa, e ser capaz de ver o que não está lá, ainda. Não ver apenas o que já é, mas o que pode vir a ser, e que o próprio tantas vezes não sabe.

Abrir possibilidades de si que antes desconhecia.

Indisciplinar Se as artes podem ser o necessário desassossego e inquietação que nos espanta e faz questionar, elas são também, radicalmente, transdisciplinares. Podemos aproveitar as artes como ferramenta de processos de transdisciplinaridade, colaborativos e transversais de diversas disciplinas. Como escreveu Paulo Freire, «a educação será tão mais plena quanto mais esteja sendo um ato de conhecimento, um ato político, um compromisso ético e uma experiência estética». A um tempo. Também por isto, o Plano Cultural de Escola e as propostas da Academia do PNA dirigem-se aos professores de todas as disciplinas, são os agentes culturais necessários para aproximar mais as manifestações culturais e patrimoniais dos alunos.

Jovens: Ao contrário do que tantas vezes insistimos, os jovens não são o futuro, são já o presente, sabemos nós escutá-los e promover a sua participação. A mudança começa aí, na partilha dos nossos

pequenos ou grandes poderes – até do que reconhecemos como património, como o interpretamos e revitalizamos, como criamos um sentido-comum em comum. Há um papel insubstituível para cada um neste palco, neste jogo, no seu Km². Confiamos na sua capacidade de compreender o mundo de outros pontos de vista e de criar o que é expressão de uma comunidade e de uma geração.

Km² Uma unidade de medida realista – e simbólica – para olhar e intervir no ambiente cultural. Permite perceber o impacto que podemos ter como agentes culturais na comunidade onde vivemos; compreender os lugares como ecossistemas culturais; valorizar o património de proximidade, a cultura local na sua diversidade; e promover, aí, o fortalecimento de manifestações culturais – não para ficar contente com o que já existe, mas para esse ser o ponto de partida do reconhecimento de uma vitalidade e riqueza cultural de todo o território. Um comprometimento a que chamamos cidadania cultural e que promoverá o desenvolvimento de uma comunidade que compreende que as artes e os patrimónios fazem parte da vida e que a cultura existe para transformar a existência – e não uma via paralela, um luxo só para alguns.

Lúdico Porque brincar é uma coisa séria. Porque a cultura tem, na sua base, o jogo (Huyzinga) e o puro prazer desinteressado de jogar. Porque precisamos de jogadores entusiasmados, na cultura e na educação, porque vivemos e aprendemos mais e melhor quando estamos encantados e apaixonados, e isso é experiência de alegria. Porque precisamos de convocar e envolver neste jogo (a que chamamos cultura) todos os cidadãos.

Manifesto Antes de uma estratégia que explicite o «como», precisamos de deixar claro, na fonte da nossa ação, o «porquê». Porque fazemos o que fazemos? Explicitar e argumentar de forma clara esse porquê, é essencial. Neste caso: porque queremos aproximar mais

manifestações artísticas e patrimoniais dos cidadãos, em particular, nas escolas? Compreender e esclar a resposta a esta questão é o princípio, é o nosso manifesto.

Mediação Contrariamente à pretensão de um conhecimento imediato de si próprio ou da comunidade que se quer construir, assumimos que as manifestações culturais são a *mediação* necessária para o reconhecimento pessoal de cada um e da comunidade que somos e projetamos: construímos a nossa identidade em diálogo com esse depósito de humanidade que está no património (material e imaterial) e nas obras de arte. Os patrimónios e o trabalho dos artistas permitem responder melhor ao célebre prepto «conhece-te a ti mesmo» – e nesse «ti» está também o mundo, o horizonte de possibilidades em que vivemos como comunidade, a nossa circunstância, os outros e a sua influência em nós. É preciso *sair de si* em direção a essas manifestações culturais que são um depósito da humanidade, para que o autoconhecimento possa acontecer – em vez de ficar a olhar para o seu umbigo. É esse, também, o poder das artes e dos patrimónios: permitem, a cada um, mediar a descoberta de possibilidades de si antes desconhecidas.

Mochila cultural Do mesmo modo que se levam calculadoras, livros e cadernos, precisamos de espetáculos, concertos, visitas a exposições, experimentar as múltiplas linguagens artísticas. Podemos fazê-lo presencialmente, dentro e fora da escola, com artistas ou mediadores que articulam essas atividades com o Plano Cultural de Escola e com os professores das diferentes disciplinas; mas também com as propostas digitais, em direto, para todas as escolas que se queiram juntar, ou no banco de recursos digitais do site do Plano.

Paciência Mudanças estruturais levam tempo. Precisamos da paciência dos arquitetos das catedrais medievais: poderemos não ver o resultado, mas trabalhamos e lançamos as fundações do edifício que faz falta e que sonhamos. Não desalentar com o tempo longo, ele é um aliado.

Património-tradição-aventura E se enfrentássemos o património (que herdamos e iremos

transmitir) como uma aventura? Não um território já desbravado, mapeado e seguro. Nem, sequer, receber a resposta a esta questão é o começo urgente presente. Um continente desconhecido, não a certeza assegurada e imóvel que uns (mais velhos e senhores da verdade) devem ensinar a outros (mais novos e meros consumidores). É tarefa infinita, construção interminável, processo de diálogo intergeracional, de criação de sentido em comum. Implica escuta e participação. Luta e resistência. Conflito e negociação. Ou seja: partilha de poder, promoção de cidadania. De democracia.

Plural A cultura só existe no plural. É o sistema simbólico que atribui sentidos à vida e que se manifesta de formas múltiplas e de modos distintos em diferentes comunidades. Essa rede simbólica, que faz a mediação entre a pessoa e o mundo, permite compreender que o «mundo» seja um «horizonte de possibilidades», diferente em cada um, mais do que um conjunto de coisas. Organiza uma mundividência própria, um olhar que cria e transforma o mundo em que cada um/ cada comunidade vive. Seria mais exato escrever «culturas», para não cair no perigo do reducionismo e na tentativa de tornar o diferente no mesmo: Para não nos arrogarmos a achar os nossos conhecimentos e gostos culturais como o cânone, o modelo e o pináculo a partir do qual avaliamos (e desvalorizamos) a existência. É preciso assumirmos, definitivamente, a diversidade como um bem. Sermos saudavelmente omnívoros. A cultura no plural, abrindo conscientemente o «horizonte de possibilidades», exige a transgressão das categorizações arbitrárias e conservadoras que dividem a cultura em popular, de massas ou erudita. É necessário valorizar a multiplicidade das culturas, as mundividências variadas, sem a arrogância de se julgar detentor da cultura (no singular), que merece ser divulgada e democratizada. Ao valorizar as diferentes formas culturais, valorizam-se as pessoas que as partilham, e ao valorizar as pessoas estamos a valorizar a sua participação na vida comunitária. Ou seja, estamos a trabalhar para a saúde da democracia. Valorizar o km² não significa ficar somente no ambiente cultural desse km², mas abrir essa mundividência no contacto com

outras, estender à universalidade, a um conhecimento e fruição mais alargados – sem cair no risco de tornar intocáveis nem petrificar as identidades culturais de partida. É preciso valorizar o chão para aprender a saltar e voar.

Pontífice Uma tarefa essencial nos territórios é criar pontes, aproximar margens, estruturar redes – entre instituições culturais e educativas, em particular. Unindo, sempre que possível, instituições que ganharão em estar próximas. Criar parcerias, cooperar, é o único modo de implementar uma mudança estrutural, duradoura e sustentada. O PNA só será implementado num trabalho concertado e continuado com os artistas, as comunidades educativas, os municípios, as instituições culturais (Fundações, Museus, Teatros, Bibliotecas, Centros culturais...), as associações artísticas e de artesãos, os Centros de Formação de Professores, os Planos, Programas e Redes já existentes, as várias áreas governativas... De forma sistémica, cada agente tem o seu lugar e o seu papel insubstituível. Valorizamos, também, a colaboração, porque temos consciência de que entramos numa história que começou muito antes de nós: não começamos numa página em branco.

Tarefa infinita A consciência de que a cultura é inacabamento, não está já realizada, que exige a participação de cada um, hoje, para retomar a herança e a transformar para o futuro. Matéria viva em transformação. Uma tarefa que nos antecede e nos ultrapassa, dá-nos um sentido de inclusão e pertença porque fazemos parte de algo maior que a nossa vida particular, uma construção cultural sempre inacabada.

Territorializar Verbo de ação plástica: com uma equipa de Ativadores no território, criando pontes entre as instituições e os cidadãos, convocando e responsabilizando os agentes de cada lugar, adaptando à cada sítio as medidas do PNA. Plasticidade e inscrição territorial.

Zás tras Porque precisamos de outras palavras-ações que estão por nascer, contamos com a sua ajuda para continuar este glossário inacabado:



desequilibrar



para



reequilibrar